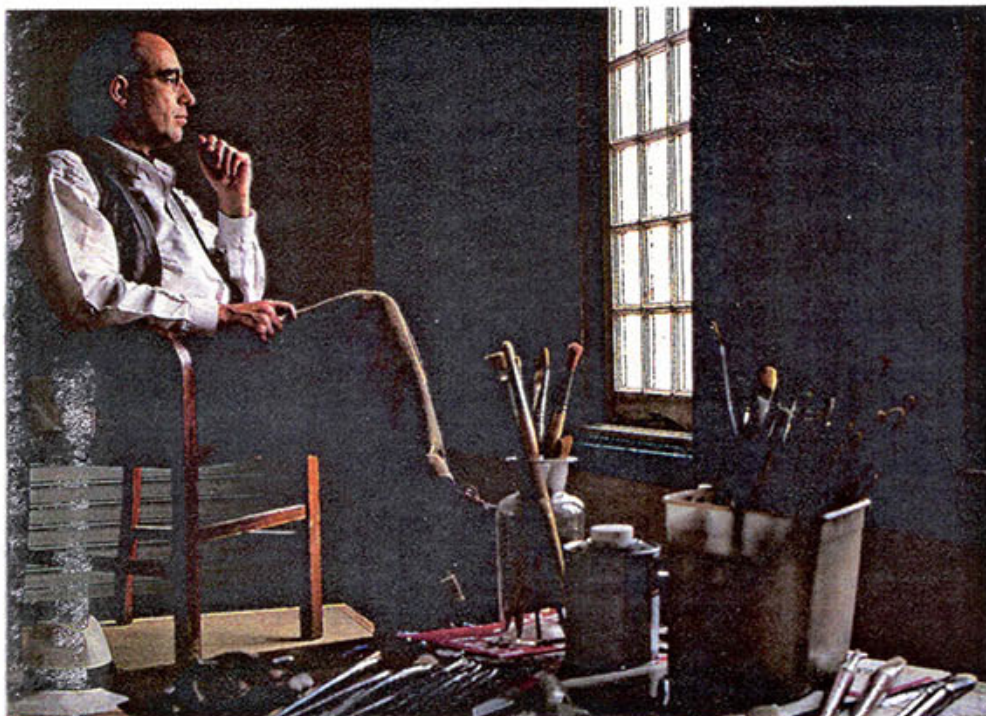


UMA PAIXÃO EM LISBOA UM AMOR EM SINTRA



Compreendemos facilmente esta afirmação ao olhar as suas aguarelas, executadas com uma técnica excelente: "Agrade-me a rapidez com que se trabalha este material porque a tinta seca rapidamente e as pinceladas têm de ser precisas. Em contrapartida, a transparência das tintas permite uma mistura e sobreposição de tons que é difícil de obter quando se trabalha com outros materiais".

Por Lisboa nutre uma agradável paixão. A arquitectura urbana do casario amontoado, os tons pastel quase perdidos, os prédios de três andares e os electricos que envolvem todo o espaço com uma fina e aconchegante teia, movimentando-se

Talvez tenha sido a vegetação, o ar húmido das manhãs, o casario que o fez sentir mais perto das suas origens, talvez esse o mesmo sentimento que se manifestou em tantos outros ingleses que elegeram Sintra como local para viver.

John O'Connor nasceu em Londres no ano de 1945. A arte esteve sempre presente na sua formação. Oriundo de uma família de músicos, cedo começou a desenhar e a pintar, e veio mais tarde a formar-se na Chelsea School of Art, onde foi galardoado com dois primeiros prémios.

Posteriormente seguiu a Slade School of Art, iniciando uma carreira de retratista e de pintura de murais.

Foi no Grémio Literário que o conhecemos pessoalmente. Um sorriso simpático e umas mãos que se movem como que a ilustrar um discurso seguro de quem sabe o que vale e o que quer.

Na sequência de um contacto anterior, em Inglaterra, com a técnica de pintura em cerâmica, experimenta em Portugal a pintura de azulejo de que gosta particularmente e começa a trabalhar com artistas portugueses na

Oficina 59. Os seus painéis estão hoje presentes em várias residências privadas portuguesas e inglesas, particularmente as *chinoiseries* de que tira grande partido, jogando com o efeito de perspectiva, com a possibilidade de alterar visualmente a dimensão dos espaços, dar-lhes profundidade, movimento, realce," as coisas que mais me fascinam neste país são a sua luz e a diversidade das paisagens".



A mulher portuguesa é, para este artista, objecto da sua pintura e da sua paixão. A tez, o cabelo, a doçura dos traços torna-a num fascinante objecto do prazer de pintar.

Painel

PINTURA



John O'Connor experimentou, em Portugal, a pintura de azulejo e descobre, assim, outra faceta da sua arte e de si mesmo. Os seus painéis estão expostos em casas de portugueses e ingleses.

por toda a área da velha cidade.

Ultimamente John O'Connor tem estado a fazer uma recolha de perspectivas de Lisboa, resultando daí desenhos em pastel de óleo, sobre papel, encomendados para um novo hotel que se irá situar na zona da Lapa. São perspectivas urbanas, onde os elementos estruturais têm especial relevo.

O seu trabalho está representado na Coleção Victoria and Albert Museum, em Londres, no ICEP e na coleção do Príncipe e da Princesa de Gales, assim como em muitas coleções particulares na Europa e Estados Unidos.

Outra faceta de John O'Connor é a de ser também retratista. A mulher portuguesa é objecto da sua pintura e da sua paixão. A tez, o cabelo, a doçura dos traços, a "informalidade formal da maneira de estar e receber torna-a num fascinante objecto de trabalho. Não procuro o comum quando retrato, não torno mais bonitos ou mais feios os meus modelos. Não é pelo facto de se tratar de uma encomenda que torno as pessoas diferentes do que são na realidade. Apre-

cio e transporte para o papel ou para a tela o que sinto, o que vejo. Interpreto-o de uma forma espontânea que é a minha própria forma de ver e de sentir".

O pintor conta já com a sua terceira exposição no Grémio Literário. Não por não querer expor em nenhum outro sítio, mas apenas porque não surgiu ainda a oportunidade. Já passou pelos lugares de quem gosta de pintar Lisboa; a sua série de quios-

ques é, na verdade, fascinante.

"É uma pena que se percam, fazem parte da vossa cultura, são característicos, não é por acaso que são pintados e fotografados. São realmente bonitos, geram vida, actividade em seu torno".

"Não me inspiro em nenhuma corrente. Pinto e interpreto, sem padronizar, opto pelo mais característico, pelo mais belo e luto por isso". Foi o que aconteceu quando há já dois meses estacionou o seu carro em frente a uma das casas mais bonitas de São Pedro de Sintra para, em conjunto com outros automóveis, servir de obstáculo à sua demolição.

John O'Connor escolheu o nosso país para viver. Poderia ter sido qualquer outro lugar do mundo, mas é sempre mais agradável quando à nossa volta há verde e a dois passos está o mar.

**Texto: João Carriço
Fotos: Ana Carvalho**



Como retratista, John O'Connor diz que não procura o comum quando retrata, nem torna mais bonitos ou mais feios os seus modelos. Ele transporta para o papel o que sente.